

O lugar da subjetividade no jornalismo: aproximações entre o gênero Jornalismo Literário e o livro-reportagem *O nascimento de Joicy*

Francine Natasha Alves de Oliveira¹

Mariana Mendes Flores²

RESUMO: O presente artigo visa à análise do livro *O nascimento de Joicy: Transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem* (2015), da repórter Fabiana Moraes. Temos como objetivo ressaltar suas abordagens em relação aos estudos de gênero e à questão da transexualidade da personagem principal, a quem a jornalista acompanhou para elaborar uma reportagem para o *Jornal do Commercio*, a qual dá título à obra posterior. No livro, Moraes discute a presença da subjetividade na escrita jornalística e as dificuldades de se relacionar com o indivíduo feito personagem. Ademais, buscamos relacionar a narrativa da obra às características mais recorrentes do gênero jornalismo literário.

Palavras-chave: Estudos de gênero; jornalismo literário; transexualidade.

ABSTRACT: This paper aims to analyze the book *O nascimento de Joicy: Transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem* (2015), by repórter Fabiana Moraes. We have as our objective to highlight its approaches in relation to gender studies and to the issue of the main character's transsexuality, who the journalist has followed in order to elaborate a report to *Jornal do Commercio*, which lends its title to the following work. In the book, Moraes discusses the presence of subjectivity in journalistic writing and the difficulties of relating herself to the subject who becomes a character. Furthermore, we look for connecting the book's narrative to the most recurrent characteristics of narrative journalism genre.

Keywords: Gender studies; narrative Journalism; transsexuality.

1. Jornalismo literário e o discurso humanizante

O jornalismo literário, por vezes classificado como um subgênero tanto do jornalismo quanto da literatura, tem sido alvo de diversas discussões principalmente após o início de sua fase de mais destaque: o “*new journalism*” dos anos 1960, nos Estados Unidos. Contudo, no Brasil, a modalidade ganha contornos diferentes daqueles referentes ao contexto estadunidense, mesmo que alguns traços estruturais sejam semelhantes e até mesmo frutos de

¹ Mestre em Teoria Literária e Crítica da Cultura pela Universidade Federal de São João del-Rei.

² Mestre em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

influência direta. Como marcas desse gênero é possível destacar: 1) a narração em primeira pessoa; 2) a reelaboração de cenas a partir de relatos factuais ou da própria observação da realidade, o que motiva a discussão de que o gênero mescla o ficcional ao não-ficcional; e 3) a humanização, conseqüente da aproximação física e emocional do autor com o objeto representado. O tom subjetivo impresso pelo autor diferencia este tipo de narrativa das reportagens jornalísticas. Com base nessa estrutura, analisaremos o livro-reportagem *O nascimento de Joicy: Transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem* (2015), da repórter Fabiana Moraes.

Em geral, as narrativas do gênero jornalismo literário, também chamadas de “narrativas da vida real” ou de “jornalismo narrativo”, são construídas a partir da imersão do jornalista na realidade investigada e do contato direto com os personagens, que já estão prontos. Nota-se que o jornalista-escritor sustenta um posicionamento, marca que trará contornos subjetivos à narrativa, diferenciando este texto daquele produzido pelo tradicional jornalismo “*hard news*”, que preza pela objetividade do fato narrado. Este jornalista-escritor, portanto, mostra-se engajado e contumaz crítico da realidade em que está imerso, aproximando-se da clássica figura de intelectual desenvolvida por Sartre em *Que é a literatura?*: “O escritor ‘engajado’ sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão tencionando mudar. Ele abandonou o sonho impossível de fazer uma pintura imparcial da sociedade e condição humana” (SARTRE, 2004, p. 20). O abandono da imparcialidade, ao qual Sartre se refere, torna a informação, o conteúdo factual, permeável pelas impressões individuais do escritor que, muitas vezes, carregam a narrativa de um tom humanizante. Essa humanização, por sua vez, se aproxima do engajamento do escritor com a causa social que está por trás do tema retratado. De acordo com Edvaldo Pereira Lima:

o autor só consegue conhecer bem a realidade se mergulha nela sem reservas, atento, vivendo a vida das pessoas e dos grupos sociais que habitam aquele local. Tenta deixar de fora seus preconceitos. Fica um bom tempo por lá. Come a comida de seus personagens, passa pelas mesmas experiências [...] E fica focado para descobrir, nas relações entre eles, os padrões de valores, comportamento, hábitos que o permitam compreendê-los. Então escreve a história deles, enxergando a situação, tanto quanto possível, com o olhar desses grupos sociais (2014, p. 69).

Em *O nascimento de Joicy: Transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem* (2015), Moraes aborda a trajetória de uma transexual nascida no agreste de Pernambuco e que, depois de um longo processo, finalmente consegue a permissão para passar pela cirurgia de transgenitalização oferecida pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Além da história de Joicy, a autora narra o caminho que ela mesma percorreu para elaborar a reportagem que ganharia o Prêmio Esso de Jornalismo em 2011 após sua publicação no *Jornal do Commercio*, de Recife.

Além da reportagem propriamente dita, o livro traz reflexões de Moraes e relatos a respeito de sua conflituosa relação com a cabeleireira Joicy, levantando a questão das técnicas ideais e do lugar da subjetividade no trabalho jornalístico.

2. *O nascimento de Joicy: um olhar para a transexualidade*

Ao eleger Joicy como a protagonista de sua reportagem, Moraes demonstra as dificuldades pelas quais passam pessoas transexuais, principalmente aquelas que não se adequam aos padrões de feminilidade ou masculinidade esperados para que sejam propriamente diagnosticadas pelo discurso médico. Não obstante, a jornalista demonstra conhecimento prévio acerca do tema e faz uso de uma linguagem humanizada e relativamente compreensiva, em vez de lançar mão de expressões generalistas associadas ao senso comum.

A constante necessidade de negociação com o sistema científico de saber-poder passa pela maneira como transexuais se constituem e são constituídos com base em determinações socioculturais. Assim, Fátima Lima observa que:

sujeitos que vivenciam experiências designadas como transexuais negociam e/ou subvertem as normas, principalmente o imperativo psiquiátrico e as condutas biomédicas; fazendo ver e dizer as fraturas e as fissuras (Deleuze, 1990) que compõem os dispositivos, indo além de suas linhas de sedimentação, daquilo que está visível e enunciável, tarefa genealógica que aposta na potência dos sujeitos e nas linhas de fuga (2014, p. 63).

O dispositivo da transexualidade é de consolidação recente, historicamente posterior à medicalização dos “desvios sexuais”. O discurso médico e legal que institucionaliza a experiência transexual também a uniformiza, desconsiderando a diversidade dentro da própria

expressão de gênero *trans* e reforçando um controle sobre os corpos. Contudo, a história de Joicy demonstra uma subversão desse controle.

Como categoria médica, a transexualidade consta no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-5 (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 451-460) como “disforia de gênero”, condição que precisa ser diagnosticada a partir de uma série de critérios específicos. O Manual estabelece:

Indivíduos com disforia de gênero apresentam incongruências acentuadas entre o gênero que lhes foi designado (em geral ao nascimento, conhecido como gênero de nascimento) e o gênero experimentado/expresso. Essa discrepância é o componente central do diagnóstico. Deve haver também evidências de sofrimento causado por essa incongruência. O gênero experimentado pode incluir identidades de gêneros alternativas além dos estereótipos binários. Em consequência, o sofrimento não se limita ao desejo de simplesmente pertencer ao outro gênero, podendo incluir também o desejo de ser de um gênero alternativo, desde que diferente do designado (2014, p. 453).

A categoria “transexual”, portanto, tem uma validação médica que faz com que o termo seja comumente adotado, principalmente em função da necessidade do diagnóstico para realização das cirurgias que adequarão o corpo ao gênero com o qual cada indivíduo se identifica e para a mudança legal dos documentos. Esse processo, que dura pelo menos dois anos, é praticamente um ritual de assimilação à sociedade pelo qual passa o indivíduo *trans*, para que seja reconhecido não apenas socialmente, mas também nos termos da lei. Na busca por se determinar o “transexual verdadeiro”, termo médico ainda hoje usado, segundo aponta Fátima Lima (2014, p. 65), a ciência ignora singularidades e estabelece um modelo único, universal, que precisa ser seguido para que a pessoa transexual tenha o direito de se identificar como tal. Consequentemente, esse discurso dita também a maneira como esses sujeitos serão socialmente percebidos – e como devem perceber a si mesmos – e leva ao reforço do questionamento da legitimidade de uma identidade transexual que não estaria de acordo com as normas por parte do senso comum.

Apesar de o DSM-5 (2014) explicitar que não existe uma necessidade de a identidade de gênero almejada estar inserida nos chamados estereótipos binários, na prática, indivíduos transexuais, em sua maioria, procuram se adequar aos estereótipos de masculinidade ou de feminilidade socialmente estabelecidos, conforme mencionado, de forma a não deixar dúvidas a respeito do gênero com o qual se identificam.

No hospital em que se consultava, Joicy era olhada com certa incredulidade pelas demais transexuais devido à sua aparência, por não atender aos preceitos sociais para que seja assimilada definitivamente como mulher. A cabeleireira, então, enfrentava um “preconceito duplo” (MORAES, 2015, p. 34), por não ser aceita por parte das próprias pessoas *trans*. Ademais, esse fator também a levou a passar por três anos de terapia – um ano a mais que o requerido por lei para se ter direito à cirurgia de redesignação genital – e, ao todo, por um processo de sete anos de avaliação e acompanhamento de médicos e psicólogos. Conforme Moraes explica: “a existência do tratamento no serviço público de saúde só é permitida porque os transexuais são pessoas, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), que carregam consigo um transtorno de personalidade [...]” (2015, p. 46).

De fato, o estabelecimento de critérios que devem legitimar a transexualidade aos olhos da medicina, tanto no sistema de saúde público como privado, apresenta diversas incongruências e regras arbitrárias, como é possível notar ao acompanharmos a história dessa personagem. Trata-se de um sistema normatizador que não reconhece a amplitude das próprias masculinidades e feminilidades em si. Nesse sentido, Joicy destaca-se por não cultivar uma aparência padronizada, de “características femininas hiperbólicas” (MORAES, 2015, p. 34), apresentando certa discrepância entre sua identidade feminina e sua expressão de gênero:

Não usa maquiagem. Não gosta de usar vestido. Não tem cabelo comprido. Na verdade, está ficando meio careca, coisa de quem vai fazer 51 anos de idade. Sua aparência sugere que ela ainda está engatinhando para mostrar socialmente a mulher que é – e, principalmente, para deixar para trás o agricultor que sempre foi (MORAES, 2015, p. 34).

A temática da transgeneridade – termo guarda-chuva que engloba outras expressões de gênero além da transexualidade em si – vem ganhando espaço, principalmente por meio de plataformas que permitem que as próprias pessoas pertencentes à comunidade transgênero se manifestem, expondo suas vivências e demandas, como *blogs* e redes sociais. Aos poucos, essas vozes encontram possibilidades de romper com sua condição subalterna, conquistando seu espaço de fala com a ajuda das novas tecnologias. Nesse sentido, podemos conhecer melhor a diversidade existente dentro da própria comunidade *trans*, notando como não há um “modelo único”, mas apenas pontos em comum que nos permitam identificar expressões dentro de um *continuum* de possibilidades. Contudo, a maneira como a mídia trata esses

indivíduos, em sua maioria, permanece atrelada a um senso de generalização da categoria, perpassada ainda pela reprodução de expressões populares equivocadas, como a noção de “mudar de sexo”. Na contramão da tendência midiática, a obra de Fernanda Moraes dialoga com essa pluralidade, pois, em termos de representação, a cabeleireira retratada pela jornalista traz uma nova perspectiva ao leitor, evidenciando como a própria categoria da transexualidade comporta experiências e apresentações múltiplas.

Além de enfrentar o preconceito recorrente entre a população de Alagoinha, a transexual era, também, vítima de uma discriminação por parte dos profissionais supostamente qualificados para atendê-la. O desrespeito e as piadas direcionadas a sujeitos cujo gênero não está em conformidade com as expectativas é fator comum em uma sociedade que usa a provocação na tentativa de reprimir grandes diferenças, a fim de que o indivíduo se esforce pela adequação aos padrões impostos. Até mesmo a mãe de Joicy demonstra sarcasmo diante da insistência, por parte da filha, para que seja tratada no feminino. Isso a levou a desenvolver estratégias para lidar com as pessoas, tanto próximas a ela como apenas conhecidas, o que aparentemente fez com que passasse a ser vista como alguém ríspida e de difícil convivência.

A situação financeira é ainda outro fator a dificultar a experiência *trans*, uma vez que a hormonização, as viagens para que as consultas médicas sejam realizadas e o período pós-operatório envolvem diversos gastos. Após o procedimento cirúrgico, a transexual enfrentou complicações como a inflamação do local e a estenose – o fechamento do canal vaginal devido ao uso incorreto da prótese durante o período de recuperação – que fez com que a cabeleireira tivesse de se submeter a um segundo procedimento para reabertura do canal. Esses problemas somam-se, ainda, à falta de informações e atenção por parte da equipe médica. Moraes aponta: “A pobreza financeira – e afetiva – que a cerca não é compatível com a delicadeza da cirurgia. [...] O desamparo [médico] foi complementado pela solidão: a família de Joicy não apareceu em sua casa para ajudá-la nas tarefas cotidianas” (2015, p. 78-79).

Para Joicy, a cirurgia construtora do órgão genital lhe conferiu um novo status: sua vagina é a “prova” definitiva de que é mulher. Mesmo que tenha passado por dores, dificuldades e frustrações ao longo de todo o chamado “processo transexualizador”, a

operação permitiu que ela desenvolvesse sua autoestima, orgulhando-se “da aparência de seu púbis e da atração que ele provoca. Usa o sexo recém-adquirido para ser vista e respeitada como mulher” (2015, p. 79). Nesse sentido, o corpo modificado, moldado para se adequar à identidade, é um instrumento de legitimação que não pode ser contestado pelo outro:

Em um passeio no Aeroporto Internacional do Recife, na Zona Sul, sentiu vontade de usar o banheiro e não teve dúvidas em dirigir-se ao feminino. Ao ver a usuária de aparência masculinizada entrar no local, uma das seguranças entrou no recinto. “O que o senhor está fazendo aqui?”, perguntou. “Eu não sou homem, eu provo que não sou”, disse Joicy, baixando o short e a calcinha para expor a vagina. A segurança olhou, pediu desculpas e saiu. Joicy não usava roupa colada nem chinelo com flor. Mas era, sem dúvida, mulher (MORAES, 2015, p. 79-80).

A personalidade de Joicy parece ser fruto dessa carência afetiva misturada à constante violência simbólica à qual ela está submetida em seu cotidiano. Tendo passado a maior parte de sua vida no Campo do Magé, área rural de Alagoinha, ela foi criada por uma tradicional família de agricultores na qual o gênero determinava as tarefas desempenhadas dentro de casa. Com a morte do pai, veio a mudança daquele jovem que sabia, há muito, ser uma mulher, mas que não o demonstrara, provavelmente, por medo da reação paterna – fator demonstrado também pelo discurso da mãe e das irmãs. Sua criação na área rural, em situação precária, bem como o restrito contato com outras mulheres *trans*– algo que só iria acontecer quando ela passasse a frequentar o hospital para dar início a seu “tratamento” –, de certa forma, justificam a pouca “feminilidade” da ex-agricultora.

Além da reportagem propriamente dita, o livro traz dois capítulos em que Fabiana Moraes trata de sua relação com Joicy, desde quando se conheceram até o desenrolar de uma proximidade posterior à publicação da matéria no *Jornal do Commercio* em 2011, envolvendo ainda a disseminação do caso, que chegou a se tornar pauta em um programa televisivo, e as reações do público.

Para Moraes, a “intimidade quase obrigatória” (2015, p. 92) estabelecida com a “personagem” de seu texto, levou a jornalista a desenvolver empatia pela cabeleireira, preocupando-se pessoalmente com seu estado, principalmente em função das condições de pobreza e abandono em que Joicy vivia. A experiência levou a autora a rever seu ponto de vista não somente em relação às questões de gênero, mas também no concernente a como seus valores são determinados por sua posição social. O relato do primeiro encontro com a

transexual demonstra como a jornalista, inicialmente, tinha uma percepção estereotípica acerca da transexualidade, ainda que mais esclarecida:

Ao chegar, na manhã de uma segunda, ao Hospital das Clínicas, Zona Oeste do Recife, não percebi que ela, sentada com as pernas abertas em meio às outras transexuais de maneiras delicadas e sandálias de dedo, era mais uma mulher não biológica à espera da marcação de sua cirurgia de redesignação sexual (MORAES, 2015, p. 94).

A figura aparentemente incoerente de Joicy foi justamente o que despertou o interesse de Moraes em narrar sua história, mas sua escolha foi questionada inclusive pelo médico do Hospital das Clínicas responsável por atender às transexuais, sugerindo que aquela paciente não seria uma representante ideal da condição *trans*. Moraes revela como foi surpreendida pela fala do cirurgião:

- Por que você escolheu logo Joicy? Há outras transexuais aí com a aparência mais feminina, seria bem melhor.
- Mas Joicy não é mulher? Não é a próxima a ser operada pelo senhor?
- Sim, mas é uma paciente difícil, não tem as características mais femininas, é um pouco embrutecida, ignorante (2015, p. 95).

A tentativa do médico de desencorajar a escolha da jornalista demonstra um esforço, ainda que velado, pelo controle daquilo que é divulgado através da mídia. A falta de “feminilidade” de Joicy poderia suscitar questionamentos a respeito de sua própria condição transexual – e, conseqüentemente, do “diagnóstico” dado pelos profissionais. Se, por um lado, a aparência daquela mulher pode confundir o público e dificultar o entendimento do que seja a transexualidade, por outro lado, seu caso não é único e a multiplicidade de expressões *trans* passa, inclusive, pela negociação daquilo que seria ou não uma estética ideal, a cumprir com os padrões socialmente impostos e adotados pelo sistema médico, ajustando-se, assim, ao modelo sexual dimórfico (BENTO, 2006).

Ao tratar das reações à publicação da reportagem, Moraes reproduz comentários que revelam a dificuldade de assimilação da identidade de gênero daquela personagem, que aparece nua na fotografia que ilustra a matéria, em posição que lembra a da famosa pintura de Botticelli, *O nascimento de Vênus* (1483). Foi a semelhança com o quadro renascentista que inspirou o título da matéria e também da obra publicada posteriormente. Conforme esclarece Moraes:

Quando voltávamos para o Recife e vi as imagens, reparei que Joicy escondia-se da mesma maneira que a Vênus de Botticelli, não contando, porém, com a ajuda de longos cabelos para tornar o corpo menos exposto, tampouco com anjos trazendo flores ou uma dama prestes a cobri-la com um manto. Joicy estava nua, uma nudez essencialmente política de um corpo continuamente questionado (2015, p. 129).

Esse corpo causou estranhamento e até mesmo indignação em parte do público do jornal, por não atender nem mesmo às expectativas de uma transexualidade “verdadeira”. Além do incômodo, ficou evidente a confusão entre a identidade de gênero e a sexualidade, a qual persiste na cultura de forma generalizada. Houve, até entre aqueles que elogiaram a reportagem, a afirmação de que Joicy era “homossexual” e que sua cirurgia de transgenitalização tinha fins meramente cosméticos.

Os limites entre a empatia e a necessidade de se manter um distanciamento profissional se mostram imprecisos para a autora, que desconstrói a pretensa neutralidade do texto jornalístico e se propõe a discutir sobre como a “objetividade é construída subjetivamente” (MORAES, 2015, p. 25). Ao admitir uma proximidade que não se restringiu ao âmbito profissional, Moraes foi capaz de apresentar a complexidade de uma construção narrativa mais humanizada, que não se restrinja ao objetivo simplificado de transmitir informações ao público de maneira generalizada, algo recorrente em textos jornalísticos. A autora comenta que seu maior propósito está no “esforço de superar o discurso geral empreendido pelo jornalismo, no qual o senso comum é uma forte realidade” (2015, p. 174). Nesse sentido, a estratégia de Moraes é também importante em termos de representatividade da transexual como sujeito, em sua individualidade, e não apenas como parte de um grupo minoritário e discriminado – muito pelo contrário, chama a atenção o quanto Joicy, pobre e sem oportunidades, vivendo em uma pequena cidade, está alheia ao ativismo LGBT que toma forma nos grandes centros urbanos.

Em 2011, a matéria foi agraciada com o Prêmio Cidadania em Respeito à Diversidade, promovido pela Associação da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, na categoria de cobertura de mídia. Fabiana Moraes e Joicy estiveram presentes na cerimônia, em São Paulo, e foram ainda convidadas a desfilar em cima de um trio elétrico durante a Parada do Orgulho LGBT. A presença da cabeleireira, motivada pela recente visibilidade que havia ganhado com a publicação, estava relacionada com uma espetacularização comum aos dias de hoje, que é também efêmera, como explica a própria jornalista ao atestar que a “enorme atenção que

recebia – e que, eu sabia, tocava as bordas de um interesse provocado pelo ‘exotismo’ da ex-agricultora – iria se dispersar após aquele evento” (2015, p. 147-148).

Conclusão

O nascimento de Joicy traz à tona diversos paradoxos contemporâneos, entre eles a valorização do “eu” e da narrativa pessoal em contraposição à insistência jornalística por uma objetividade e neutralidade que dificilmente se cumprem, bem como a busca por representatividade de grupos minoritários inserida nesse contexto de excesso de informações que intensifica a efemeridade.

Traços recorrentes do jornalismo literário são encontrados nessa narrativa, principalmente no que tange ao engajamento da autora em trazer à tona a representatividade de uma transexual tanto como parte de uma minoria como em sua representação individual. A autora, que demonstra acentuada empatia pela cabeleireira, humaniza o tom da narrativa e assume a posição de intelectual elaborada por Sartre: a partir da palavra e do exercício de sua parcialidade, Fabiana Moraes traz visibilidade a um grupo social minoritário, destoando, portanto, de uma prática jornalística que preza pela objetividade e o apagamento da expressão crítica do jornalista. O jornalismo literário preza pela subjetividade do autor, o qual, pela via etnográfica, procura representar a realidade.

Assumindo seu lugar de fala como repórter e seus valores – os quais ela acaba reavaliando também no livro –, Moraes confere legitimidade à história que narra e à própria voz de Joicy ali representada.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5*. Trad. Maria Inês Corrêa Nascimento *et al.* Porto Alegre: Artmed, 2014.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Jornalismo Literário para iniciantes*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

LIMA, Fátima. A construção do dispositivo TRANS: Saberes, singularidades e subversões da norma. In: *Corpos, Gênero, Sexualidades: Políticas de Subjetivação*. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014. p. 61-86. Disponível em: <http://abramd.org/wp-content/uploads/2014/05/2014_Corpos_generos_e_sexualidades_poli%CC%81ticas_de_subje tivac%CC%A7a%CC%83o.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2016.

MORAES, Fabiana. *O nascimento de Joicy: Transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem*. Porto Alegre: Arquipélago, 2015.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* 3 ed. São Paulo: Ática, 2004.